

Nieves BARANDA LETURIO, M^a Carmen MARÍN PINA (eds), **Letras en la celda. Cultura escrita de los conventos femeninos en la España moderna**, Madrid, Ibero-Americana, Vervuert, 2014, ISBN 9788484897880, 490 páginas.

«La imprenta ha salvado del olvido solo una parte de esse iceberg, o «arcipelago sommerso» en palabras de Graziosi (2005), que es la escritura femenina» (p. 23): a passagem citada poderia servir como epígrafe deste conjunto de estudos sobre a escrita conventual feminina, sob a direcção de Nieves Baranda Leturio e M^a Carmen Pina, autoras cujo trajecto científico no interior deste campo do saber dispensa qualquer apresentação, pelos muitos contributos que ambas têm aduzido, não apenas em termos de publicações, mas também na organização de colóquios e nesse enorme trabalho que representa a elaboração da base de dados BIESES (Bibliografía de Escritoras Españolas), absolutamente fundamental para o conhecimento da realidade de escrita feminina, em Espanha. Partindo do princípio geral, sublinhado na introdução, de que «La escritora típica de la Edad Moderna española fue una monja» (p. 11), a obra organiza-se em seis partes, cujos títulos sintetizam as questões desenvolvidas: «La escritura en los claustros: amplitud y variedad» (pp. 49-89), «Convento y sociedad», «Lecturas y reescrituras» (pp. 99-159), «Textualidades de la consciencia» (pp.255-309), «Escritura intramuros» (pp.327-363), «Dimensiones transnacionales» (379-439). Dispõe ainda de uma breve apresentação institucional e científica das autoras dos textos e de um prático Índice Onomástico. Como explica ainda a introdução, a obra resulta, em parte, do congresso «Escritoras entre rejas. Cultura conventual femenina en la España moderna», celebrado na UNED de Madrid, organizado pelo grupo de investigação BIESES (FFI-2009-08517), responsável pela utilíssima base de dados acima referida e propõe-se oferecer «una variedad de temas y metodologías críticas posibles para abordar la cultura escrita de los monasterios femeninos en la Edad moderna hispana», apontando como objectivo fundamental dar «carta de naturaleza» a um tema crítico que tem estatuto menor dentro dos estudos históricos e literários que o contemplam como «un ente separado y extraño» (p.35). Da autoria das editoras da obra, Nieves Baranda Leturio e M^a Carmen Marín Pina, o estudo introdutório apresenta e examina um conjunto de questões que de muitos modos enquadram a produção escrita conventual feminina e que o texto inicial de Gabriella Zarrì «La scrittura monastica» (pp. 49-64) exemplifica nos seus problemas teóricos e práticos fundamentais, sobretudo nos sentidos múltiplos de «escrita» e nas características que definem «universo conventual»: «Nell'età rinascimentale e nella prima età moderna scrittura femminile e scrittura monastica possono considerarsi un binomio inscidibile, come inscidibile è il nesso tra motivazioni religiose e motivazioni economico-sociali e culturali che determinano l'ingresso di tante giovani donne in monastero» (p. 50). Enquadrando os textos publicados, as autoras da introdução,

significativamente intitulada «El universo de la escritura conventual femenina: deslindes y perspectivas», apresentam um conjunto de questões, que problematizam, com base nos resultados da investigação levada a cabo pelos projectos de investigação BIESES, dedicados em 2010-12 à escrita conventual, à sua recuperação e inclusão na base de dados citada, na medida em que é possível dispor, depois do trabalho efectuado, de «información muy secuenciada y organizada sobre más de 300 autoras monjas» (p. 11, nota 1). Resgatar todas estas autoras e respectivas produções, mesmo quando elas são produto de uma opção, voluntária ou não, pelo apagamento da autoria ou da escolha de pseudónimo, contribui, naturalmente, para precisar e responder a algumas das interrogações que envolvem os «espaços» de escrita – G. Zarri anota, justamente, que «E’ certo un quesito importante interrogarsi sulla spontaneità della professione religiosa (Jacobson Schtte, 2011), sugli spazi di libertà che la clausura monastica consente di fatto all’interno del convento (Monson, 2010; Rangel, 2011), sulla possibilità di alcune donne di elevarsi culturalmente e di esercitare potere e influenza all’interno e all’esterno del chiostro (Baernstein, 2002) [...] «e tuttavia indubbio che una risposta univoca a questi quesiti appare improbabile per ragione oggettive, l’estrema varietà delle situazioni storico-documentarie, e per ragioni soggettive, le prevalenti opzioni ideologiche dei singoli ricercatori» (p. 50). Problemática da condição claustral, rigidez da clausura monástica, sistema de controlo e repressão, permeabilidade do claustro, ligações entre instituições monásticas e círculos de corte ou de sociabilidades cortesãs, estratégias familiares de grupos aristocráticos orientam as reflexões de cada um destes estudos que procuram «iluminar» realidades menos conhecidas, aceitando, praticamente como ponto de partida, que os mosteiros femininos tiveram um importante papel na promoção da instrução das mulheres, favorecendo o acesso à escrita. No estudo que abre o volume, Gabriella Zarri, que tão bem conhece a questão, nos seus vários contornos, propõe um quadro que ajuda, seguramente, a organizar muitas das informações recolhidas e que considera «l’autorialità debole», «la parola autorizzata», «la scrittura comunitaria», «gli obituari e necrologi» e «le biografie, agiografie, autobiografie», «cronache monastiche e Libri di Ricordi», «Sermoni e intruzioni», «Libri spirituali e libri profani», «Lettere e carteggi» que, verdadeiramente, constituem os temas reflexivos que os diferentes estudos desenvolvem e que acabam por demonstrar que a «permeabilidade» do claustro se evidencia nessa escrita de cartas, de história ou de biografia ou ainda de poesia. Estes estudos sustentam também, com êxito, a constatação de que a escrita conventual está muitas vezes ao serviço das estratégias de prestígio de cada uma das instituições, exaltando o mosteiro ou o convento de pertença, para que, de muitos modos, embora não exclusivamente para tal objectivo, concorrem instruções de noviças, vidas exemplares, relatos de milagres, textos para recreação das monjas. Vários são os exemplos estudados, desde o estatuto e a natureza da escrita monástica – para além de Gabriella Zarri, Assunción Lavrin e, para casos mais específicos e não menos interessantes, de «cultura espiritual» feminina fora do ambiente

conventual, Vanda Anastácio, até às «Dimensiones trnsnacionales» que estudam a formação «intelectual» de monjas nas Filipinas – Sarah E. Owens, a repercussão de Soror Maria de Agreda nos conventos femininos polacos – Joanna Partyka», a clausura na Sardenha – Marina Romero Frías – as Rimas da portuguesa Soror Violante do Céu – María Dolores Martos Pérez – ou os manuscritos culinários conventuais portugueses da Época Moderna, estudados por Inês de Ornellas e Castro e Isabel Drummond Braga.

Zulmira C. Santos
(CITCEM – FLUP)